

A FUNÇÃO SOCIAL DA BIBLIOTECA ESCOLAR

CAMILA CORRÊA PIERZCKALSKI¹;
CRISTINA MARIA ROSA²

¹ Universidade Federal de Pelotas – mimipierzckalski@hotmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – cris.rosa.ufpel@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

No trabalho apresento e refleti sobre o processo de formação docente ocorrido durante a proposição, desenvolvimento e finalização de meu estágio em Gestão Escolar. Objetivo nesse artigo provocar uma reflexão sobre a prática que se pode desenvolver nas escolas a partir dos estágios obrigatórios inseridos nos currículos de licenciaturas. O que será esmiuçado aqui é um pequeno projeto que nasceu das observações realizadas durante o Estágio em Gestão Escolar na Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação/Universidade Federal de Pelotas. Seu início ocorreu no segundo semestre letivo de 2017, na Escola Estadual de Ensino Fundamental Dr. José Brusque Filho, localizado em uma região repleta de adultos com frágil acesso à escolaridade e trabalho, que administram parcos recursos financeiros no sustento de suas famílias numerosas e que convivem com problemas sociais como falta de saneamento básico e moradias precárias, ou seja, habitam um local marginalizado e invisível, esquecido pelo poder público.

Como ponto crucial, pretendi desmistificar a ideia de que a biblioteca da escola é apenas um depósito de livros didáticos. Baseando-se na gestão participativa e nos processos vinculados à biblioteconomia, foram projetadas e desenvolvidas atividades a fim de ressignificar o espaço da biblioteca e sua função social na formação das pessoas que ali convivem.

Não é novidade a importância do livro no desenvolvimento cognitivo das crianças. A educação literária, para além da educação formal, agrupa valores e conceitos humanísticos que nos regem por toda a vida. É sabido que o ambiente é formador. Para BOCK (1999, p. 124), “o desenvolvimento é um processo que se dá de fora para dentro. É no processo de ensino-aprendizagem que ocorre a apropriação da cultura e o consequente desenvolvimento do indivíduo”. A partir destes termos, se conclui que o ambiente e as pessoas são ativas no processo de aprendizagem, a biblioteca como centro de informação, formação e lazer oferece as ferramentas essenciais para formação crítica do homem.

Nessa perspectiva de ambiente formador é que agrego o conceito da educadora Magda Soares (2012, p. 18): “Letramento é, pois, o resultado da ação de ensinar ou aprender a ler e escrever: o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita”. Para os estudiosos da educação é um termo bastante recorrente nos últimos anos e, nesse projeto, busquei basear-me nele para desenvolvimento pleno das capacidades que a cultura escrita proporciona. Para além da alfabetização, buscar inserir os alunos, pais e professores no exercício diário da cultura escrita. Pretendia ver e dar a ver a possibilidade de a biblioteca ser o centro desse movimento e o livro como objeto de trabalho, sem esquecer a interação lúdica essencial na faixa etária atendida pela instituição: crianças entre seis e onze anos.

O descaso com as bibliotecas escolares é fato recorrente no Brasil. O Censo de 2016 afirma que apenas 50,5% das escolas de ensino fundamental possuem espaços de leitura ou bibliotecas. Além disso, o uso inadequado desses espaços, proveniente da falta de conhecimento de suas funções e objetivos ou ainda, por

não haver incentivo dos órgãos responsáveis para atender a demanda de professores, alunos e pais é conhecido entre os estudiosos.

O objetivo principal do Estágio em Gestão que desenvolvi foi oportunizar aos usuários conhecimento sobre as funções pedagógicas do livro e os espaços de leitura, priorizando o uso da biblioteca, fazendo com que a instituição funcionasse a partir dela. E foi através da Gestão Escolar que ferramentas de mediação para o uso da biblioteca como um espaço de formação integrador da comunidade foram buscadas. Penso que, nos dias atuais, a informação está, literalmente, na palma de nossa mão, independentemente da classe econômica dos alunos. O acesso à internet coloca, para as bibliotecas, o desafio de continuar importante. Como? Pela possibilidade de potencializar a aprendizagem do aluno, em um mundo onde a autonomia dita as regras. Assim, ter uma biblioteca funcional, com capital humano qualificado e interessado resulta em reestabelecer os vínculos dos alunos com a instituição, com os professores e entre eles.

A biblioteca escolar no século XXI não é silenciosa e estática. É um lugar cheio de vida e atividade e pode ser um espaço integrador, prático, funcional e, ao mesmo tempo, um local de descanso, de trabalho e de lazer. Para garantir a manutenção das atividades pedagógicas e de lazer, precisamos que a biblioteca seja o centro do projeto político pedagógico da instituição. Assim, professores, funcionários, pais e alunos podem reconhecer sua importância e lutar para que esta esteja sempre em funcionamento. DAS (2007, p. 07) argumenta que “a biblioteca escolar não só estimula, potencializa e facilita, mas também promove a aprendizagem”. “Único espaço que não pode faltar em uma escola” (ROSA, 2016), a biblioteca “pode e deve ter diferenciados acervos e, necessariamente, políticas de uso e fruição dos livros e de outros suportes que podem ser considerados a cada nova geração ou tempo”. Para a pesquisadora, uma biblioteca é

“[...] um espaço destinado a políticas de leitura e estas podem ser entendidas como atitudes, atividades e repertório capaz de sustentar processos de acesso, uso, fruição e trocas relativas ao artefato mais importante de nossa cultura escrita – o livro” (ROSA, 2016, s/nº).

2. METODOLOGIA

A atividade de ensino desenvolvida teve início de forma independe e com muito apoio da instituição escolar. O primeiro passo foi um movimento para levantar recursos humanos interessados em revitalizar o espaço da biblioteca. Com apoio de equipe diretiva, professores e funcionários mais vizinhos da escola e alguns professores da Universidade e amigos pessoais, consegui organizar atividades com as crianças na biblioteca, dando início ao processo de conscientização sobre o espaço.

O segundo passo foi a conquista de parceria com o curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas. O foco foi elaborar, desenvolver e executar o projeto para o ambiente que mede cinco metros quadrados e estava em condições precárias de uso: móveis, brinquedos, armários, livros, entre outros objetos entulhavam a sala destinada aos livros na escola. A partir daí organizou-se um cronograma de sábados e dias úteis onde toda a equipe de voluntários poderia se reunir para encaixotar livros e também arrecadar materiais como tinta de parede, tinta esmalte, cimento, terra, massa corrida, entre outros.

No primeiro sábado, quando começamos a pintura de uma das paredes principais, apenas um pai de aluno apareceu. Em compensação, oito voluntários – estudantes do curso de Pedagogia e Arquitetura além de vizinhos da escola – se fizeram presentes. A cada dia de trabalho realizado, novos voluntários foram sendo

conquistados e mais estabelecimentos comerciais foram contribuindo para que a biblioteca da escola se tornasse viável.

Na reta final do trabalho, com a ajuda de um grupo de estudantes vinculados ao Programa de Educação Tutorial da FaE/UFPel, conseguimos organizar o “cantinho da leitura”. Nele, um tapete, almofadas, cadeiras, estantes com livros, jogos e brinquedos para que, mesmo incompleta, a biblioteca já pudesse começar a abrigar as crianças durante os intervalos e, também, sanar necessidades dos professores da instituição com a inserção de seus alunos na cultura escrita. Para ROSA (2015), a biblioteca é um lugar em que as crianças, além de escutarem boas histórias, podem e devem se tornar “alfabetizadas literariamente”, ou seja, serem “apresentadas ao “mundo da literatura” em que livros, gêneros, autores, títulos, enredos, desfechos e formatos, modos e comportamentos que envolvem ler literatura sejam apreendidos e se tornem frequentes” (ROSA, 2015, s/nº).

Durante a festa junina – uma das atividades das quais participei – pode-se observar a reação de todos, crianças e seus familiares acerca do restauro na biblioteca da escola. A partir daí, houve uma efetiva participação dos mesmos, ainda que pouca, ficou mais evidente.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com quase todos os livros em seus devidos lugares, as crianças aproveitando o espaço nos intervalos de forma espontânea, sem a obrigatoriedade ou tensão de uma autoridade dizendo o que ela deve ou não fazer na biblioteca, pode-se avaliar que hoje, setembro de 2018, há uma crescente presença dos pequenos que, deitados no tapete, folheiam livros, à sombra da árvore e da leitora negra pintadas na parede lilás. As mesas coloridas e adaptadas, os armários de jogos não mais trancados, a sala que não mais se encontra fechada. Aos poucos, além das cores, a biblioteca ganha vida, horas do conto, atividades lúdicas e de alfabetização. Apesar de não ter sido previsto o restauro no projeto inicial de Estágio em Gestão, foi um retorno efetivo para a comunidade da escola, algo real e palpável que, mesmo pequeno, faz diferença na vida escolar das crianças que passam ali grande parte de seu dia.

O que penso necessário vir à tona é o pouco que fazemos durante os estágios universitários para as instituições de ensino que abrem suas portas para contribuir com nossa formação. Penso que o distanciamento e o pouco retorno a essas comunidades permitem uma ideia elitista de Universidade. É necessário que o investimento financeiro feito pela população brasileira na educação superior das Instituições Federais seja evidente e palpável.

4. CONCLUSÕES

A idealização do projeto e a realização do estágio foram essenciais para que as percepções sobre a escola fossem transformadas. Cada instituição tem sua realidade, mas o trabalho desenvolvido, a motivação para se tentar estar todos os dias melhor, mesmo com os adventos da profissão e das dificuldades dos alunos em aprender, socializar e desenvolver plenamente suas capacidades críticas. A escola pública não é perfeita, as pessoas que nela estão inseridas, também não, estes tentam se organizar e adaptar com os poucos recursos e a pouca esperança de efetivamente ser protagonistas de um movimento transformador.

Sabe-se que tudo que foi realizado (restauro, acervos, manutenção, ambientação do espaço escolar) é dever do Estado e da Instituição Escolar que, através dos recursos públicos, recebe para prover as reformas e a manutenção necessária. No entanto, penso que, para além de encargos e responsabilidades, a

escola é feita de pequenas ações, e estas, para serem transformadoras, precisam vir de algum lugar.

Na educação superior aprendemos a lutar por aquilo que almejamos. Na educação básica, por sua vez, é ensinado às crianças a se conformar com a realidade que têm. Com os livros, penso, podemos viajar para além do que nos foi oportunizado e, ainda, adquirir conhecimentos infinitos.

A Universidade Pública não é apenas um centro acadêmico formador de profissionais. Ela pode e deve, segundo o que penso, participar da vida da comunidade onde se insere. Assim, precisa estar ativa em todas as instâncias desta. Os estágios, projetos e disciplinas de extensão inseridos nos currículos acadêmicos são uma ferramenta pedagógica essencial para manutenção da ligação entre a Academia e a realidade da sociedade. A práxis idealizada no Projeto Pedagógico da Licenciatura em Pedagogia objetiva articular a teoria e a prática, só possíveis com a realização de momentos como os que aqui se encontram descritos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair e TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologias: Uma introdução ao estudo de psicologia.** – 13. Ed. – São Paulo: Editora Saraiva, 1999.

DAS, Lourense H. **Bibliotecas Escolares no século XXI: à procura de um caminho.** Rede de Bibliotecas Escolares. Coord.: Fernando do Carmo. Newsletter n.º 3. Lisboa: Outubro de 2008.

INEP MEC. **CENSO ESCOLAR DA EDUCAÇÃO BÁSICA 2016 - Notas estatísticas.** Brasília, fev. 2017. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/notas_estatisticas/2017/notas_estatisticas_censo_escolar_da_educacao_basica_2016.pdf> Acesso em 19 de dez. 2017.

ROSA, Cristina Maria. Alfabetização Literária. **Alfabeto à Parte.** 16 de junho de 2015. Disponível em: <<http://crisalfabetoaparte.blogspot.com/2015/06/alfabetizacao-literaria-o-que-e.html>> Acesso em 07 de set. 2018.

ROSA, Cristina Maria. Biblioteca Escolar: uma proposta de organização do espaço e do acervo. **Alfabeto à Parte.** 15 de agosto de 2017. Disponível em: <http://crisalfabetoaparte.blogspot.com/2017/08/biblioteca-escolar-uma-proposta-de_7.html> Acesso em 07 de set. 2018.

ROSA, Cristina Maria. Biblioteca na escola: Aprendendo a fazer. **Alfabeto à Parte.** 19 de junho de 2016. Disponível em: <<http://crisalfabetoaparte.blogspot.com/2016/06/biblioteca-na-escola-aprendendo-fazer.html>> Acesso em 07 de set. 2018.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.